

AFRÂNIO COUTINHO

O Brasil sofreu nos últimos decênios um processo de desmoralização progressivo da educação em todos os níveis, do 1º ao 3º grau. A inflação teve como efeito imediato corromper os salários do professorado, que, assim, passaram a não valer mais para o sustento, e muito menos para estimular a melhoria intelectual pela aquisição de livros e estudo. O nível foi caindo e tornou-se afinal aviltante e ridículo. O que percebe um professor em todos os níveis é simplesmente atentatório da dignidade humana. Que pode, então, fazer o mestre? Ou desiste, se ainda há tempo de trocar de profissão, ou procura multiplicar as fontes de renda empregando-se em vários estabelecimentos. E isto equivale a aumentar ainda mais a própria decadência intelectual e humana.

Os exemplos do Japão e da Coreia, onde vigora o regime de 200 dias de aulas do 1º grau, fazem com que fiquemos em descrença quanto ao futuro no nosso País. É aí, todos os que labutamos dentro do processo educativo estamos fartos de saber, que reside o fulcro da questão. É no 1º grau, em sistema regular de escolas, e não com a farsa dos três turnos, que conseguiremos resolver o problema do analfabetismo, essa

CORREIO BRAZILIENSE

mancha negra do nosso País. E não será com estoura farsa — a alfabetização de adultos — que conseguiremos superar o problema, farsa que já ficou sobejamente desacreditada e fracassada em outros lugares.

É ao Governo que incumbe tomar a providência maior, pois a sua omissão teve como consequência o incentivo ao poder particular tornar-se, em grande parte, um comércio, quando, em vez de sistema em maioria, deveria ser meramente subsidiário. Se o poder público cumprisse devidamente a sua parte, isto é, alargando ao máximo a rede pública, esta arcaria com a maior parte da tarefa, sobretudo absorvendo o alunado de menor situação financeira e social, e deixando para a rede particular o pessoal que pode pagar melhor. E não se diga que a rede pública seria de qualidade inferior, ao contrário, pois é de conhecimento geral que o Colégio Pedro II sempre foi um centro de excelente qualidade, graças a um professorado de alto nível, em maioria proveniente de concursos. Aliás, até os concursos acabaram, e não há dúvida que constituíam um excelente método de valorizar o professor, porquanto forçavam a estudar e preparar-se para as provas.

De qualquer modo, o aviltamento do salário é a causa evidente da queda do nível da educação em

nosso meio. Pagar salário mínimo a um professor de 1º grau é simplesmente degradante. E o mesmo se pode afirmar quanto ao que percebe um mestre de 2º grau, com diploma de curso superior, auferindo pouco mais do que isto. E o de nível superior tampouco é mais bem aquinhoado.

Este ainda teve a desgraça de ver destruída a hierarquia e instalada a igualdade entre as diversas categorias da carreira.

De tudo o que foi dito, infere-se o desrespeito com que os governos tratam a profissão de professor. É inteiramente desprestigiada.

Até mesmo discriminada

Agora mesmo, a Assembléia do Rio de Janeiro comete o descoco de aumentar em 1 mil 42 por cento a remuneração dos funcionários do estado que exercem chefia, o que resulta em mudar o salário das comissões em DAS 1 de Cr\$ 19.125,18 para Cr\$ 218.419,84. Verdadeiro escândalo. Enquanto isso, um catedrático de universidade oficial aposentado recebe Cr\$ 120.000,00. Por todos esses motivos é que vivemos em permanente estado de crise educacional.

Realmente, que País é este!

■ Afrânio Coutinho é professor e crítico literário